

AS MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE FALANTES ESCOLARIZADOS DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE

Dhienes Charla Ferreira (Uenf)

dhienesch@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (Uenf)

elinaff@gmail.com

Gelson Caetano Paes Junior (Uenf)

gelcapaior@yahoo.com.br

RESUMO:

O objetivo deste artigo foi evidenciar a presença de marcas da oralidade em textos produzidos por informantes escolarizados do ensino fundamental do primeiro segmento da educação básica oriundos da região norte-fluminense. Para tanto, foi desenvolvida uma análise acerca das possíveis variações apreciadas na oralidade de estudantes do ensino básico público a partir dum *corpus* de fala da respectiva região. As considerações caminharam no sentido de se fazer uma reflexão sobre divergências encontradas entre fala e escrita.

As palavras-chave: oralidade e escrita, variação diatópica, letramento e ensino.

Uma reflexão a partir da linguagem

Se a oralidade é uma das principais ferramentas pelo qual o ser humano se apropriou das formas mais complexas de comunicação. Então, ele gradativamente desenvolveu-a sobremaneira; a utilizar, bem como, a manter, num processo personificado a instrumentalização do discurso. Um diálogo com o mundo exterior, onde a linguagem e, conseqüentemente, a língua, possibilitou em diversas relações de trocas tanto no âmbito do real quanto do simbólico (AUROUX: 1998) aos processos criativos de comunicação.

Assim, a mediação dos processos comunicativos materializados a partir da linguagem favoreceu que ele mantivesse uma prática de interação social com os pares e, ainda, a possibilidade de se relacionar com o mundo que ele carrega dentro de si (VIGOTSKI: 2008), então como significação e sistema de conceitos e valores. E o conhecimento, passou a ser expresso naquilo que ele foi capaz de desenvolver sabendo-se criador de infindas formas de expressividade.

Aprendendo a refazer novos conhecimentos numa contínua produção de saberes e significados a partir do universo cultural em que estão situados os estudantes. O discurso assume numa comunidade de fala, real importância conforme o valor comunicativo que lhe é atribuído. Na reflexão sociolinguística de WEINREINCH, LABOV e HERZOG alguns “desses aportes” foram necessários para o estudo das variações em marcas da oralidade daquele grupo estudantil. E a prática social parece modelar os usos da fala

em que os alunos se valeram. Os três teóricos da linguística, de cuja vertente, inclinou-se para o social abordaram explicitamente que o discurso de cada falante tem o seu devido valor na comunidade em que a oralidade é praticada. Ela, por sua vez, é capaz de enriquecer o discurso nos falares urbanos de falantes nativos de uma cidade. Isso implica afirmar a importância da linguagem no cotidiano das pessoas. Diante desses aspectos, este artigo se justifica pela relevância da linguagem no processo comunicativo dentro e fora da sala de aula. É de grande valia essas pesquisas, pois, permitiu traçar um perfil dos graus de letramento observados no discurso estudantil em que a linguagem é abordada reflexivamente.

As marcas da oralidade em estudantes

Além disso, a análise foi realizada refletindo-se sobre possíveis mudanças no ensino de língua materna. Para tanto, foi utilizada a partir de um recorte direcionado presente no **Corpus: A língua falada e escrita na região norte noroeste fluminense**, trabalho inédito na região supracitada sob a coordenação da professora Eliana Crispim, foi amplamente utilizada. E neste banco de falas foram extraídos aspectos da língua que apresentaram divergência quanto ao uso apropriado da gramática associada à norma padrão culta da língua portuguesa. Mediante as gravações disponibilizadas pelo Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (LEEL/CCH/UENF). A cada estudante entrevistado componente do banco de fala em questão, foi-lhe solicitado narrar espontaneamente qualquer coisa que considerasse importante. Conforme, seguisse aos cinco tipos textuais abordados: narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento; e relato de opinião. Estes foram sucintamente analisados

O *corpus* utilizado nessa pesquisa consistiu de falantes do ensino fundamental do primeiro segmento. Considerou-se essencial manter um controle na variável sexo, pois, os jovens tratam cada qual ao gênero que pertençam dum discurso diferenciado. Isso em relação às cinco perguntas que funcionaram como um norteador das demarcações observadas no uso da língua. Eles foram distribuídos conforme informantes do sexo masculino quanto do sexo feminino em cada um dos grupos pesquisados. A partir do *corpus* analisado percebeu-se que a variação oral da língua fez-se presente em todos os textos. Tal fato confirma a importância da oralidade dinamizada pelo uso constante e por uma sistematização de conhecimentos apreciados doravante no ensino da língua. Vale salientar que a mesma é fundamental para a evolução das aquisições de conhecimento em língua materna e nas transformações no uso da língua escrita. Nesse sentido, um ensino da língua que vise somente à memorização de regras gramaticais é insuficiente para a formação do aluno. Uma vez que engessam a prática de ensino de professores desavisados como desencorajam aos estudantes sobre as muitas potencialidades que as práticas de leitura, escrita e oralidade podem favorecer no domínio das competências linguísticas durante o ensino fundamental.

Considerações sobre oralidade e ensino de língua materna

Isso parece oportunizar aos alunos a se envolverem em situações que sejam favoráveis ao conhecimento e valorização das variedades linguísticas que se apresentam cotidianamente nos espaços de socialização. Para tanto, uma visão mais aproximada da realidade da linguagem deve se fazer presente na ação pedagógica dos docentes. E, que novas possibilidades no ensino da língua portuguesa sejam oportunizadas no ensino básico. Conforme se considere nas relações sociais por onde a linguagem é conduzida, um favorecimento das oportunidades de ensino-aprendizagem das competências ditas linguísticas. Introduzindo os estudantes na aquisição do saber em língua materna. É necessário, antes de tudo, estudar a relação da linguagem com a escolarização.

Assim, conforme bem salientou (GERALDI, 1985, *apud* MATENCIO, 2007), tal contexto se faz a partir do interesse em se compreender as marcas da oralidade deve ser tratada como um fator de construção do conhecimento, mas:

“... antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria da compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula” (Idem, 2007, p.42).

Assim, pretendeu-se com esta pesquisa contribuir para uma articulação entre a teoria produzida no meio acadêmico com a realidade da sala de aula. Local privilegiado, em que se vivenciam todos os enfrentamentos oferecidos pelo ensino. E, entender a apropriação da linguagem segundo ROJO (2010) no contexto da sala de aula é afirmar categoricamente que o discurso docente é um grande mediador que envolve o alunado em situações, ricamente significativas e, em suma, são muito importantes. Um diálogo possível se dá com a definição “das funções psicológicas superiores” vigotskiana porque ele vai ao encontro do estudante buscando compreender a “internalização” dos conceitos. Isso parece explicar como as marcas da oralidade apresentadas nos discursos estudantis estudados, podem influenciar num alcance que a linguagem pode abranger e os mundos que ela recriar. O grau de entendimento foi o discurso interpretado. E a sala de aula é um espaço de “... multiplicidade e simultaneidade de ações e interações presentes em sala de aula...” (ROJO, p. 215). Assim, o presente artigo veio oportunizar a uma reflexão sobre outras formas de se considerar as possibilidades discursivas abordadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

1. AUROUX, Sylvain. **A Filosofia da Linguagem**. Trad., [de] José Horta Nunes. Ed. Unicamp, Campinas, SP, 1998.

2. LUQUETTI, Eliana. C. F. (Org.). **Corpus: A língua falada e escrita na região norte noroeste fluminense**. Grupo de Estudos Linguagem e Educação, UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2012. 397p. (No prelo).
3. MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, Produção de Textos e a Escola: reflexões sobre o processo de letramento**. 4ª reimpressão, Ed. Mercado de Letras, Campinas/SP, 2007.
4. ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Falando ao pé da letra: a constituição da narrativa e do letramento**. Ed. Parábola, São Paulo, SP, 2010.
5. VIGOTSKI, Lev Semenovich, **Pensamento e Linguagem**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2008.